

Novo Diretor assume esta manhã

O novo diretor da Fundação Cultural do Distrito Federal, Carlos Fernando Mathias Coutinho, tomará posse na entidade hoje, às 11 horas, em solenidade na sede da Fundação, Avenida W-3 Sul, Quadra 508.

Bastante conhecido no meio cultural da cidade, onde milita há vários anos, inclusive como membro do Conselho Deliberativo do órgão que dirigirá a partir de hoje, o novo diretor já revelou ser um de seus objetivos executar um Plano Integrado com a Secretaria de Educação e Cultura.

Nos últimos anos, ele atuou como Chefe da Assessoria de Estudos e Projetos do ministro da Educação e Cultura, participando de vários trabalhos e há muita expectativa em torno de sua atuação na Fundação Cultural, sobretudo por parte dos setores envolvidos com a produção artístico-cultural na cidade.

Ouvir produtores

"Mudança é uma coisa sempre saudável. A Fundação Cultural, durante todo um tempo, muito mais difícil que o de hoje, conseguiu fazer muita coisa na área de teatro. Basta dizer que todo o movimento teatral e a abertura do Galpão aconteceram neste período".

Hoje vivemos um tempo novo e ele exige uma participação cada vez maior da comunidade em geral e da comunidade produtora de arte em particular, nesse processo. Uma das brigas que precisam ser travadas é contra a visão que se tem da arte no Brasil e um retrato claro dela são os orçamentos infimos que a ela são destinadas. Concorro que, na situação do país, hoje outras prioridades, mas isso não justifica que a arte fique tão em segundo plano como atualmente, porque ela também é necessária ao homem.

Acredito que Carlos Fernando Mathias, ligado às artes há muito tempo, possa — ouvindo os produtores de arte em Brasília — ter suficiente abertura para uma evolução nesses novos tempos, coerente com as novas possibilidades que a gente tem no país. Não é a goteira do Galpão que nos incomoda, mas a visão, a maneira como se encara o processo".

Saída Promissora

A saída do senhor Ruy Pereira é um acontecimento alvissareiro por si só, porque praticamente toda a comunidade intelectual de Brasília sonhava com isto há muito tempo. E fruto de uma luta e de um sonho antigo da comunidade brasiliense.

Sobre o afastamento de Ruy Pereira da Silva da frente do órgão, ainda não totalmente esclarecido, muitos continuam procurando desvendar definitivamente em que circunstâncias as coisas aconteceram no último fim de semana, quais as suas reais causas determinantes. Desgaste político ou cansaço físico? Até o momento ninguém parece disposto a aceitar a versão do ex-diretor, segundo o qual teria pedido por espontânea vontade seu afastamento.

Para lançar um pouco de luz sobre o que foi a Fundação Cultural durante os sete anos de gestão de Ruy Pereira da Silva, o JBr publica a seguir três pequenos depoimentos: dois deles são de ex-funcionários, João Antônio (ator assessor de Teatro) e Hermenegildo Bastos (assessor de Literatura), que se demitiram da entidade em 1976 e 78. O outro é do poeta Fernando Mendes Viana — representante de gerações viventes em Brasília.

Estamos esperando a divulgação dos planos do novo diretor para nos pronunciarmos mais objetivamente. Mas somente a substituição do senhor Ruy Pereira já abre perspectivas. Esperamos que se dê ênfase aos artistas locais de valor que estão dispostos a potencializar Brasília em termos culturais, na sua condição de capital do país (Fernando Mendes Vianna, poeta autor entre outros livros de *Embarcado em Seco*, publicado recentemente pela editora Civilização Brasileira).

Desprezo e receio

«No tempo em que fui responsável pelo setor de Literatura tive grandes dificuldades para realizar o mínimo necessário. Se outros setores têm motivos para reclamação, o de Literatura tem ainda mais porque ela sempre foi colocada pela direção da Fundação Cultural, como um setor praticamente desnecessário e que era mantido apenas para responder a uma demanda das pessoas ligadas a ela, não visava a um público maior, não buscava um trabalho articulado.

Por um lado, há grande menosprezo pela arte da palavra e também um grande receio. E como se a Literatura fosse algo ao mesmo tempo perigoso e ocioso. Deu-se sempre muito mais atenção aos setores mais espetaculares: teatro, cinema, música, capazes de levar um público maior.

Esse menosprezo, que é ao mesmo tempo medo, é muito sintomático de uma época em que pensar e falar são duas coisas, das quais uma boa parte das pessoas procura se afastar. Aproveitando o novo clima, é de se esperar que a nova geração da Fundação Cultural dê à literatura a atenção que o setor merece». (Hermenegildo Bastos)

Cultura?

Severino Francisco

Ao contrário do que supõe o lugar comum quase institucionalizado, o período de férias, quando acontece a já tradicional "seca cultural brasiliense", é a época do ano mais importante para uma reflexão sobre o que realmente se faz em termos de cultura em Brasília. É quando se dá o verdadeiro confronto entre o real e as pomposas estatísticas de eficiência burocrática cultural exibidas pelas instituições e quando a cultura oficial mostra a sua verdadeira face: o nada.

E aí entra novamente em cena o vazio cultural, uma espécie de entidade maligna, que precisa ser exorcizada a todo o custo pelas instituições. Acontece que o chamado vazio cultural é preenchido com outro vazio. Através dos tempos, Brasília, em termos culturais, não tem sido nada mais que um grande bazar de cultura. E quando este bazar não apresenta produtos culturais nas prateleiras, tome mais aplicações de eventos neste eterno moribundo agonizante: o vazio cultural. No outro ano, bem, no outro ano começa tudo de novo...

Não deixa de ser sintomático que os principais fenômenos culturais vivos do planoalto — o movimento da Galeria Cabeças, o Centro de Cultura Cinematográfica, o nascente movimento cineclubístico, a música de Renato Matos, a panfletagem poética de Nicolas Beher, o baralho/barulho poético de Celso Araújo, não tenham nascido nem se movido, à sombra das instituições culturais — um terreno sempre ambíguo e escorregadio e que deve ser pensado com muito cuidado pelos arteiros da cultura.